

1949 foi o ano da fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), na cidade de São Paulo, por obra do empenho de um grupo reduzido de intelectuais capitaneados e mobilizados pelo pioneirismo e pelo entusiasmo do professor Miguel Reale. Decorridos 50 anos de vida do IBF, adquirimos a necessária perspectiva no tempo para avaliar melhor o que representou de ousadia, de espírito inovador, de idealismo espiritual e patriótico, a instalação de um centro dedicado à filosofia pura num meio social e intelectual ainda primitivo e imaturo. É certo que existiam na vastidão do País e em São Paulo alguns poucos núcleos isolados dedicados à especulação filosófica, como veremos. Mas eram grupos solitários, tidos como extravagantes, mal assimilados pelo conjunto da sociedade, que não entendia a razão de ser da Indagação Filosófica, ou de qualquer incursão de alto nível.

Décio de Almeida Prado, em seu recente livro *Seres, Coisas Lugares*, relembra o clima negativo, de incompreensão e ceticismo, que cercou a implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de São Paulo, em 1936. O comentário geral era que Escolas de medicina, direito, engenharia, odontologia, farmácia, tudo bem, era de que se precisava em nossa terra. "Mas, indagava-se, para que cursos em nível superior de física ou história, matemática ou geologia, geografia ou topografia, grego ou sociologia, química ou filosofia?" O próprio autor responde, certamente, a tamanha estreiteza de visão. Escreve Décio de Almeida Prado: "Aprendemos não propriamente fatos, mas idéias, maneiras de interpretar a realidade, esquemas teóricos, e estes aplicavam-se com pertinência ao Brasil, como a qualquer outro país." Mais adiante registra: "Cresceu o Brasil, cresceu São Paulo, cresceu a universidade. E com eles cresceu a importância atribuída à pesquisa, às ciências fundamentais, ao estudo sem outra finalidade que a de dilatar o próprio saber. Essa, como sabemos, é a melhor maneira de modificar o mundo."

No seio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, estabelecida à Rua Maria Antônia (Vila Buarque), foi que se formou o primeiro núcleo influente de doutrinação filosófica em São Paulo, destinado a fazer escola no futuro, com sua continuidade garantida pelo entrosamento entre mestres e discípulos durante cerca de três gerações. A personalidade central da Filosofia na Maria Antônia era o professor João Cruz Costa, autor, entre outros, da *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Cruz Costa foi um tipo curioso. Embora sem nenhum carisma pessoal nem intelectual, revelou-se de um proselitismo notável entre os jovens estudantes, que o ouviam como a uma espécie de Sócrates caboclo. A pretensão essencial de Cruz Costa era associar o positivismo com o marxismo. Comte e Marx tinham em comum o propósito de "tornar mais social e menos egoísta a função da produção", incorporando o

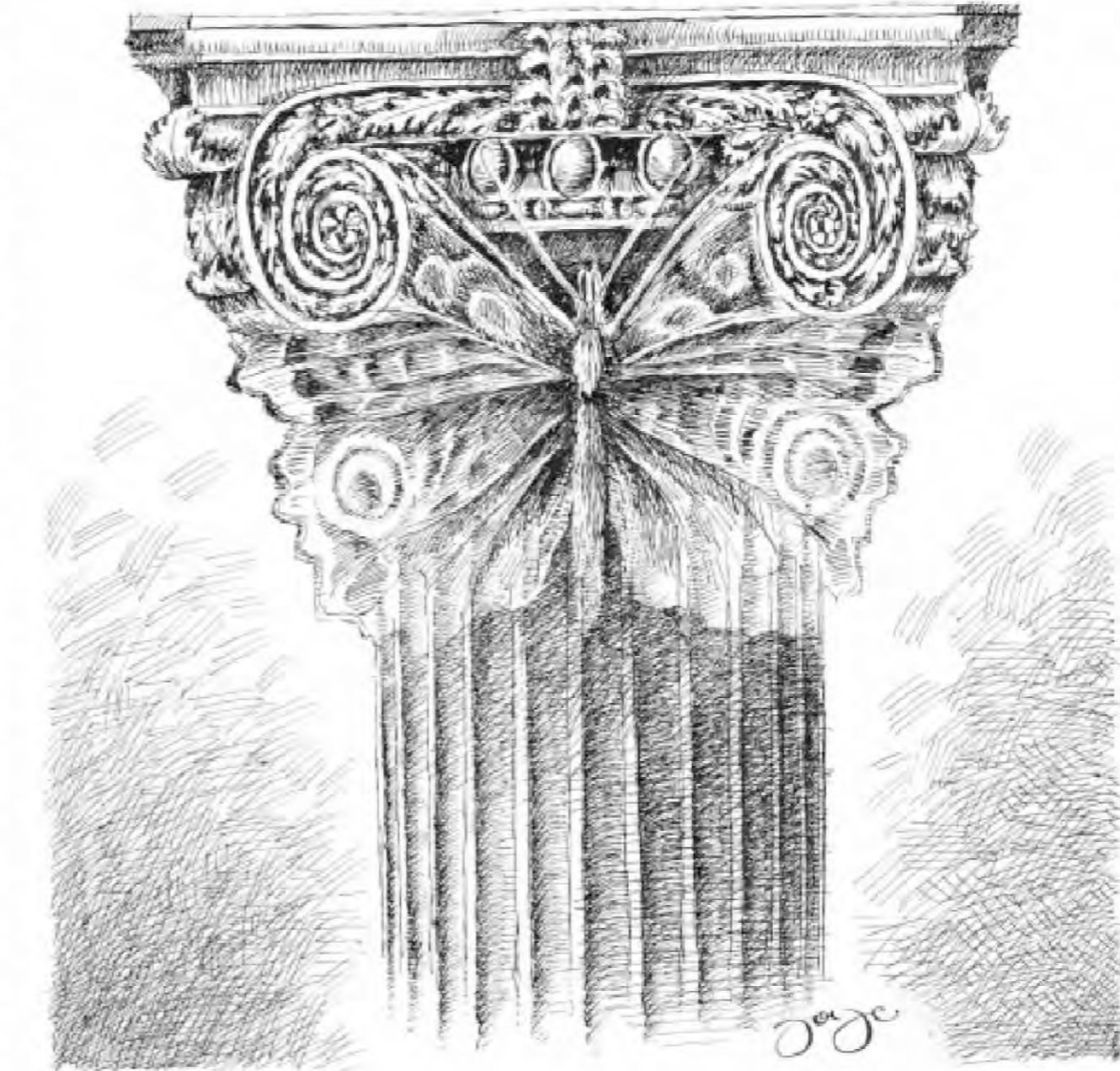
Se algo caracterizava com nitidez a Filosofia da Maria Antônia era a intolerância e o facciosismo ideológico

proletariado à sociedade. Mas a limitação do comitismo foi propor a reorganização da sociedade mediante uma regeneração espiritual, sem antes reconstruí-la politicamente. Assim é que Comte mantinha intacto o direito de propriedade privada dos meios de produção, frustrando pela base toda e qualquer ação revolucionária. Marx acrescenta a Comte o que falta a este, a análise científica da evolução histórica e social, prevendo o fim do capitalismo e o advento próximo da sociedade sem classes e o fim da exploração do homem pelo homem.

Outro nome marcante da Maria Antônia, freqüentemente omitido, mas de rara finura intelectual, é o de Lívio Teixeira, dedicado (se não me engano) à história da filosofia.

Foi da escola da Maria Antônia que saíram, entre outros, José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior, que cursaram itinerários próprios, em busca de identidade original, no contato com as idéias de Wittgenstein, Bergson e outros. Tributário da mesma célula-mater é o filósofo Ruy Fausto, fazendo carreira em Paris. Lembra-se ainda o nome do professor Porchat, especializado em Platão.

Em 1949, quando da fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia, o prestígio da escola de Cruz Costa estava firmado. No entanto, se algo caracterizava com nitidez a posição de Cruz Costa e de seus discípulos era a nota da intolerância e do facciosismo ideológico. A Filosofia da Maria Antônia constituía um grupo fechado com Marx e os pensadores de esquerda, acolhendo mais tarde, de braços abertos, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Nada contra, Marx, Sartre e Merleau-Ponty são grandes nomes da história da filosofia. Só que existem outros, muitos outros, que não tinham curso livre nas dependências daquela faculdade. A melhor prova desse posicionamento exclusivo deuse por ocasião do concurso da cadeira de Filosofia. Candidato natural era o próprio Cruz Costa, que lecionava há anos sucessivos na Faculdade, embora sem título de catedrático. Mas apresentaram-se muitos outros candidatos: Vicente Ferreira da Silva Filho, com sua



A vida inteligente na cidade de São Paulo no final dos anos 40

Neste texto, apresentado ontem no VI Congresso Brasileiro de Filosofia, em São Paulo, o ensaísta e escritor Gilberto Kujawski analisa os núcleos de pensamento que se estruturavam na capital paulista em 1949, ano de criação do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF)

Por Gilberto de Mello Kujawski

tese muito pessoal e rica de conteúdo, intitulada "Dialética das Condições", inspirada em Hegel, Jacob Boehme, Schelling, Nietzsche e Heidegger. Heraldito Barbuy, com o trabalho "O Problema do Ser", apoiado na ontologia aristotélica-tomista. Renato Cirell Czerna, com "Filosofia como Conceito e como História", entre Gentile e Schelling, Luís Washington Vita, com o estudo denominado "Da técnica como problema filosófico". E, ainda, Oswald de Andrade, o criador da antropofagia, com o livro *A Crise da Filosofia Messianica*. Como se vê um amplo espectro de tendências as mais variadas possíveis, veiculadas em algumas monografias soberbas de originalidade e tensão criadora. Pois bem, com base em disposições burocráticas de interpretação duvidosa e suspeita, todas as inscrições dos concorrentes de Cruz Costa foram sumariamente impingidas e suas teses rejeitadas sem dó nem piedade. Restou a inscrição de João Cruz Costa, que foi aceita e o candidato único aprovado no concurso. Não há prova de que Cruz Costa tenha participado dessa manobra. Em todo caso, só num clima de máxima intolerância e cerramento intelectual haveria espaço para aquela manobra corporativista que hoje ficaria difícil ou impossível em qualquer concurso.

Nossa produção de idéias através do tempo apresenta continuidade rigorosa, nexos e periodização

Em contraposição ao isolacionismo ideológico e à intolerância do grupo da Maria Antônia, a proposta do Instituto acentuava, antes de mais nada, o constitutivo pluralismo que inspirava e se proclamava como sua razão de ser. Em suas *Memórias*, ao evocar o surgimento da nova agremiação de pensamento, assim testemunha Miguel Reale: "O Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), fundado a 10 de outubro de 1949, colimava, entre outros, estes objetivos: reconstrução crítica e publicação dos textos fundamentais dos filósofos nacionais; elaboração de trabalhos que não fossem meros comentários de teorias alienígenas, mas representassem o ato de pensar em diálogo com autores do Brasil e do estrangeiro, sem subordinação exclusivista e dogmática a determinada linha de pensamento; participação do Brasil nos encontros internacionais de Filosofia, bem como promoção de congressos filosóficos nos diversos Es-

tados da Federação. Inspirado por um ideal pluralista, aberto a todas as doutrinas, o IBF surgiu plural também em seu ordenamento, assegurando-se autonomia a cada sessão estadual."

Logo em seguida à fundação do IBF, este lança o primeiro número da *Revista Brasileira de Filosofia*, seu órgão oficial, que, apesar das dificuldades e resistências de toda ordem, chega, após 50 anos, ao fascículo 193, milagre de persistência e continuidade num país em que outras publicações, com mais recursos, extinguem-se ao cabo de alguns meses ou números.

Cumpriram o IBF e sua *Revista* os propósitos firmados? O balanço das atividades e conquistas do Instituto e da *Revista* revela que sim, que a partir da década de 50 mudou o critério de avaliação da historiografia filosófica brasileira e mudou também a maneira de fazer filosofia. Assim, como observa Reale, a pedra de toque para avaliar nosso patrimônio filosófico, eram Santo Tomás, Spenser ou Marx. Cruz Costa, sem sua *Contribuição ao Estudo das Idéias no Brasil*, mede todas as teorias pelo padrão único do Positivismo. Já o Padre Leonel Franca, S.J., em seu difundido compêndio de filosofia, reduz a cacostia do pensamento anterior, no Brasil, que não se reduz à metafísica tradicional.

A nova postura aberta e permeável, inaugurada pelo Instituto, encontrou em Antonio Paim, talvez, sua melhor expressão. Em seu clássico *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, cuja primeira edição data de 1966, o historiador balano descobre algo que as visões políticas e ideológicas impediam ver: descobre que nossa produção de idéias através do tempo apresenta continuidade rigorosa, nexos e periodização; em suma, apresenta uma história que é preciso trazer à luz, analisar e entender. Quem já ouvira falar em Silvestre Pinheiro Ferreira e em sua tentativa de conciliar o pensamento moderno com a tradição, Locke com Aristóteles, em pleno início do século 19? E que dizer da corrente eclética entre nós? Antonio Pedro de Figueiredo? E o brilho da Escola de Recife (Clovis Bevilacqua, Sílvio Romero, Artur Orlando)? Como ignorar o lustre e as antecipações geniais do culturalismo brandidas em desafio pelo mestre sergipano Tobias Barreto? E o espiritualismo de Farias Brito, como não computá-lo?

Não foi só na reavaliação do nosso patrimônio de idéias que a postura do Instituto inovou. Ele inovou também no modo de estudar e de produzir filosofia, em regime de receptividade universal e irrestrita de novos pontos de vista

surgidos em todos os cantos do mundo. Basta manusear alguns números da *Revista Brasileira de Filosofia* para testemunhar a livre circulação de idéias que apresenta em cada artigo, a cada página.

Reale aponta quatro nomes que constituíram o miolo do Instituto Brasileiro de Filosofia em sua fase inicial, ainda embrionária: Vicente Ferreira da Silva Filho, Heraldito Barbuy, Renato Cirell Czerna e Luiz Washington Vita. Mais tarde, como assinantes da ata de fundação, outros pensadores de mérito juntaram-se aos primeiros, como João de Scatimburgo, Alexandre Augusto de Castro Correia, Francisco Luís de Almeida Salles, Paulo Edmur de Souza Queiroz, Angelo Simões Arruda e Jessy Santos. E embora não constem da ata de fundação, outros nomes aderiram, entre os quais Candido Mora Filho, Leonardo Van Acker, Horácio Laffer, Roland Corbisier, Teófilo Siqueira Cavalcanti, Eudoro de Sousa, Milton Vargas, Hélio Jaguaribe, Dora Ferreira da Silva e o simpático professor de Bolonha, Luigi Bagolini.

A 'Revista Brasileira de Filosofia', desde o início, abre-se para o existencialismo, o neopositivismo...

Na Filosofia da Maria Antônia a formação intelectual era toda ela dirigida para a *praxis* revolucionária, de acordo com a cartilha marxista. Seus modelos de atuação eram figuras como Caio Prado Júnior, ou Jean Paul Sartre, recebido em festa na sua passagem por São Paulo.

O Instituto Brasileiro de Filosofia não abrigava nenhuma pretensão imediata de reforma política ou institucional. Propunha, isso sim, uma ampla reforma da consciência nacional mediante a inserção do pensamento brasileiro nas principais correntes filosóficas da atualidade. A *Revista Brasileira de Filosofia*, desde seus primeiros números, abre-se para o existencialismo, o neopositivismo, a fenomenologia, o raciovitalismo, a filosofia do espírito, etc. Seus temas são a crise da cultura, a interpretação dos mitos, o conceito de lei nas ciências, a filosofia da matemática, a cibernética e a divisão do trabalho, o novo conceito do homem, a interpretação da história e outros assuntos de vanguarda. Aparece um número inteiro dedicado a Kierkegaard. Frequentes análises dos pensadores mais destacados na época, Croce, Ortega y Gasset, Hei-

degger, Bergson, Maritain, o próprio Sartre e muitos outros.

O terceiro núcleo de pensamento em São Paulo, quando da fundação do IBF, em 1949, foi aquele que, de outra feita, denominei "o Círculo Vicente Ferreira da Silva". Este grupo vivia à parte e completamente independente dos outros dois. Reunia-se ao redor de Vicente Ferreira da Silva, na casa deste, uma residência em estilo normando, no Jardim Paulista. O Círculo Vicente Ferreira da Silva mais parecia uma sociedade secreta. Sua informalidade era total; as pessoas não tinham consciência de pertencer a ele. Sua visibilidade era escassa. Não fazia barulho, como a Filosofia da Maria Antônia; não promovia congressos, nem cursos públicos, como o IBF. Seus membros não eram reconhecidos, nem identificados, vivendo em quase clandestinidade. Ao contrário da Filosofia da Maria Antônia e do IBF, que vinculavam sua reflexão e seu trabalho ao destino da pátria, no Círculo Ferreira da Silva, o absentismo predominava. Quando veio à luz o número inaugural da revista *Diálogo* (1955), representativa do grupo, o comentário geral foi de que "parecia uma revista da Floresta Negra", emanação totalmente estranha ao nosso meio. *O Diálogo* labria com um artigo do filósofo Ernesto Grassi sobre "Mito e Arte". Seguiu-se um outro, de Enzo Paci. "O significado negativo e o significado positivo do mito", Vicente Ferreira da Silva escreveu acerca da "A experiência do Divino nos povos aurorais". Heraldito Barbuy dissertava "Sobre a noção romântica de natureza". Milton Vargas investigava "As possibilidades de dancão na poesia de T. S. Eliot". E Dora Ferreira da Silva colaborava com "O sol, tema laurenciano". Este era o nível e o tom do *Diálogo* em todos os números. Nível altíssimo e tom nitidamente estetizante. Paixão intensa pelas altas idéias, pela beleza como revelação da verdade, pela descoberta do divino em outros aspectos, e nenhum compromisso nem com a sociedade, nem com a história, nem com o dia a dia e suas duras solicitações. O que não significa indiferença pelo contorno ou pela cultura nacional e regional, como prova o fascículo estupendo dedicado a Guimarães Rosa e ao *Grande Sertão: Veredas*. Além das valiosas análises de Graciliano Ramos, por Edoardo Bizzarri.

Dizer de Vicente Ferreira da Silva que ele vivia para pensar, seria pouco. Porque o pensamento não era para Vicente um simples exercício intelectual em abstrato, e sim o método, o caminho para descobrir na realidade sua gênese arcaica e mitológica, sua matriz poética; pensar, para Vicente, era cortar as amarras com as coisas tal como as conhecemos e sua compartimentação científica e descobri-las em outras conexões, próprias de uma visão auroral do mundo.

'Diálogo' denota nível altíssimo e tom nitidamente estetizante. Paixão intensa pelas altas idéias, pela beleza...

Está claro que para surpreender essas conexões ocultas, o estilo de vida do filósofo (é verdade que mais de forma imaginativa do que real) procurava subverter o padrão comum, que fecha a pessoa numa redoma de segurança, a salvo das surpresas, das vertigens, das aventuras que nos arrebatam para o outro lado da vida. Em outras palavras, Vicente abominava o estilo burguês de comportamento. Lembra-me de que certa vez, como quem não diz nada, soltou de passagem certa frase que formula em poucas palavras todo seu projeto de vida e de saber, nada convencional, nada acadêmico e muito menos bempensante. Ele poderia repetir Fernando Pessoa quando fez Álvaro de Campos dizer - "Queriam me casado, fútil, cotidiano e tributável?" Vicente não se enquadrava nem nas molduras do pensamento comum, nem nos padrões usuais de vida. A frase-chave que ouvi de sua lavra, proferida em momento de inspiração e descontração foi esta: "Há verdade que nós só conhecemos às quatro da manhã."

Vicente vivia com sua mulher, Dora Ferreira da Silva, unido no mesmo projeto de vida, amor, e individualização na esfera do sagrado. Cumplice o mais próximo desse "complot" cultural liderado por Vicente e Dora, foi o amigo de infância de ambos, Milton Vargas, com sua cabeça demitúrgica de engenheiro renascentista. Heraldito Barbuy, homem da floresta profunda, Paulo Edmur de Souza Queiroz, Efraim Tomás Bó foram os personagens de primeira hora do Círculo Vicente Ferreira da Silva. Juntaram-se depois o mitólogo português Eudoro de Sousa, Alexandre Augusto Corrêa, Renato Cirell Czerna, Francisco Luís de Almeida Salles, Mário Mattoso Silveira, Angelo Simões Arruda, Theon Spanúdis, Agostinho da Silva e José Francisco Coelho, além de Gilberto de Mello Kujawski. Também há que lembrar, com destaque especial, a figura atormentada e polêmica do filósofo boêmio (de Praga), Vilém Flusser, que mantinha com Vicente disputas intermináveis.

Eis aqui nosso testemunho sobre a vida inteligente na cidade de São Paulo em 1949 - três escolas filosóficas, cada qual com sua personalidade própria e inconfundível, com sua área de influência e com seu merecido lugar na história do pensamento brasileiro.

Gilberto de Mello Kujawski é ensaísta e escritor